

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Inf MARCO AURÉLIO GOBETTI DA FONSECA

O BATALHÃO DE INFANTARIA NA DEFESA MÓVEL

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf MARCO AURÉLIO GOBETTI DA FONSECA

O BATALHÃO DE INFANTARIA NA DEFESA MÓVEL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais, como requisito parcial para a
obtenção do grau especialização em
Ciências Militares

**Orientador: Maj Inf Bruno Gonçalves da
Silva**

Rio de Janeiro

2021

Cap Inf MARCO AURÉLIO GOBETTI DA FONSECA

O BATALHÃO DE INFANTARIA NA DEFESA MÓVEL

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Aperfeiçoamento
de Oficiais, como requisito parcial para a
obtenção do grau especialização em
Ciências Militares

Aprovado em ____/____/____

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO

ROBERTO NUNES RIBEIRO FILHO – Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
Presidente

BRUNO GONÇALVES DA SILVA– Maj
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
1º Avaliador

RAFAEL LOPES BRANDÃO – Cap
Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército
2º Avaliador

RESUMO

O presente trabalho visou aprofundar os estudos sobre a forma de manobra defesa móvel realizada pelos diversos tipos de batalhões de infantaria nas operações defensivas e comparar os resultados obtidos com os conceitos definidos no Manual de Campanha C 7-20 , 3ª edição, de 2003, verificando as inconsistências existentes devido as modificações doutrinárias ocorridas ao longo do tempo após a publicação do mesmo. A doutrina é mutável e sofre influência de diversos fatores, como inovações tecnológicas, considerações civis, ordenamento jurídico, entre outros. O método utilizado no presente trabalho foi predominantemente o indutivo, entretanto algumas linhas de raciocínio dedutivas se fizeram necessárias. Como fontes de consulta para o referido trabalho foram elencados diversos manuais vigentes do Exército Brasileiro, preferencialmente com datas de publicação posteriores ao manual foco do trabalho, e alguns manuais estrangeiros somente a título de comparação. Os subtemas principais abordados foram o emprego na forma de manobra defesa móvel dos batalhões de infantaria blindados, mecanizados, de selva, leves e motorizados.

Palavras chaves: Defesa Móvel. Batalhão de Infantaria. Operações Defensivas.

ABSTRACT

The present work aimed to deepen the studies of the form of maneuver mobile defense performed by various types of infantry battalions in defensive operations and compare the results obtained with the concepts defined in the C 7-20 Campaign Manual, 3rd edition, 2003, checking the inconsistencies due to doctrinal modifications that occurred over time after its publication. The doctrine is changeable and is influenced by several factors, such as technological innovations, civilian considerations, the legal system, among others. The method used in this work was predominantly inductive, however some deductive lines of reasoning were necessary. As sources of reference used for the research are several Brazilian Army current manuals, preferably with publication dates later than the manual that was the focus of the work, and some foreign manuals just for comparison purposes. The main sub-themes addressed were the mobile defense maneuver executed by armored, mechanized, jungle, light and motorized infantry battalions.

Keywords: Mobile Defense. Infantry Battalion. Defensive Operations.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

TABELA 1 – Tipos e formas de operações defensivas.....	18
FIGURA 1 – Escalonamento da área de defesa.....	19
FIGURA 2 – Estrutura organizacional do RCB e das FT BIB e RCC.....	28
FIGURA 3 – Estrutura organizacional do BI Mec.....	30
FIGURA 4 – Defesa móvel em área edificada.....	32
FIGURA 5 – Exemplo de um Atq Amv em uma Defesa Móvel.....	34
TABELA 2 – Proposta de atualização do item 5-25. GENERALIDADES.....	39/40
TABELA 3 – Proposta de atualização do item 5-26. CONSIDERAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO.....	40/41

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO	8
1.1	PROBLEMA	9
1.1.1	Antecedentes do problema	10
1.1.2	Formulação do problema	10
1.2	OBJETIVOS	11
1.2.1	Objetivo Geral	11
1.2.2	Objetivos Específicos	11
1.3	QUESTÕES DE ESTUDO.....	12
1.4	METODOLOGIA.....	12
1.4.1	Objeto Formal de Estudo	13
1.4.2	Amostra	13
1.4.3	Delineamento da Pesquisa	13
1.4.4	Procedimentos para revisão da Literatura	14
1.4.5	Procedimentos Metodológicos	14
1.4.6	Instrumentos	15
1.4.7	Análise de dados	15
1.5	JUSTIFICATIVA	15
2.	REFERENCIAL TEÓRICO	17
2.1	CONCEITO DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS	17
2.1.1	Escalonamento da Área de Defesa	18
2.2	CONCEITO DE DEFESA EM POSIÇÃO	19
2.3	CONCEITO DE DEFESA MÓVEL.....	20
2.3.1	Escalonamento da Área de Defesa na Defesa Móvel	21
2.4	FORÇA DE FIXAÇÃO: Inf Bld e Inf Mec.	25
2.4.1	A Infantaria Blindada	27
2.4.2	A Infantaria Mecanizada	29
2.5	DEFESA MÓVEL EM SELVA.....	31
2.6	DEFESA MÓVEL EM ÁREA EDIFICADA	31
2.7	DEFESA MÓVEL E AS OPERAÇÕES AEROMÓVEIS.....	33
3.	ANÁLISE E RESULTADOS	35

3.1	FORÇA DE FIXAÇÃO E FORÇA DE CHOQUE.....	35
3.2	DEFESA MÓVEL EM AMBIENTE DE SELVA	37
3.3	O BIL NA DEFESA MÓVEL	37
3.4	DEFESA MÓVEL EM ÁREA EDIFICADA	38
4.	CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES	39
	REFERÊNCIAS	42
	APÊNDICE "A"	44

1. INTRODUÇÃO

A Defesa e a Diplomacia são importantes vetores para a preservação e o fortalecimento da Soberania Nacional [...] O Brasil deve dedicar contínua atenção a sua defesa, buscando mantê-la em nível adequado à sua estatura político-estratégica (BRASIL, 2020c, p. 15)

Nesse contexto, a estratégia da dissuasão consiste na manutenção de forças suficientemente poderosas e aptas ao emprego imediato, capazes de se contrapor a qualquer ameaça, apoiando-se, dentre outros, no fator capacidade de revide que representam (BRASIL, 2001, p. 3-11). Essa capacidade é a aptidão requerida a uma força ou Organização Militar para cumprir determinada missão ou atividade (BRASIL, 2019b, p. 3-2).

A capacidade é obtida a partir de um conjunto de sete fatores determinantes, inter-relacionados e indissociáveis: Doutrina, Organização (e/ou processos), Adestramento, Material, Educação, Pessoal e Infraestrutura. (BRASIL, 2019b, p. 3-3)

A Doutrina é fator base para os demais, estando materializado nos produtos doutrinários. Por exemplo, a geração de capacidades de uma unidade inicia-se com a formulação de sua Base Doutrinária, que considera a gama de missões (traduzida das capacidades operativas), atividades e tarefas que essa unidade cumpre em operações. (BRASIL, 2019b, p. 3-3)

A Doutrina Militar Terrestre deve ser permanentemente atualizada em função da evolução da natureza dos conflitos, resultado das mudanças da sociedade e da evolução tecnológica. (BRASIL, 2019b, p. 1-1).

O Brasil é um país pacífico, isto é, mantém relações pacíficas com os outros Estados, e por este motivo, dificilmente envolve-se em conflitos armados. Entretanto, sua doutrina prevê que suas Forças Armadas estejam sempre preparadas para operações Ofensivas e Defensivas com o objetivo de garantir os interesses nacionais e, se necessário for, impor suas vontades.

Pelo caráter pacífico do Estado Brasileiro, é possível que, caso o mesmo venha a participar de um conflito armado em seu território, sejam empregadas operações defensivas. Deste modo fica evidente que é de grande importância a constante atualização da Doutrina das Operações Defensivas, que segundo o Manual EB70-MC-10.223 Operações, dividem-se em operações de defesa em posição e movimento

retrógrado com as seguintes formas de manobra: defesa de área, defesa móvel, ação retardadora, retraimento e retirada.

1.1 PROBLEMA

O Exército Brasileiro (EB), órgão responsável pela defesa terrestre nacional, publica regularmente o Plano Estratégico do Exército (PEEx), em que aborda diversos objetivos a serem atingidos pela Força Terrestre. No EB 10-P-01.007 Plano Estratégico do Exército 2020-2023, especificamente no Objetivo Estratégico do Exército (OEE) 6, evidencia-se a intenção do EB em manter atualizado o sistema de doutrina militar terrestre que tem prevista a atividade 6.1.1.4 - Atualizar as publicações doutrinárias do Exército e contribuir com a atualização das publicações doutrinárias do Ministério da Defesa (BRASIL, 2019. p. 25).

Seguindo a lógica apresentada na introdução, o Manual C 7-20 - Batalhões de Infantaria, 3ª Edição, atualmente em vigor, foi publicado no ano de 2003, e por este motivo, necessita ser reavaliado quanto as novas demandas dos conflitos armados modernos e doutrina adotada pelo Exército Brasileiro, uma vez que diversos Manuais de Campanha foram publicados após o mesmo, como o Manual de Campanha EB20-MF-10.102 - Fundamentos Doutrina Militar Terrestre, 2ª edição, em 2019, o Manual de Campanha EB70-MC-10.223 – Operações, 5ª edição, em 2017, o Manual de Campanha EB70-MC-10.202 - OPERAÇÕES OFENSIVAS E DEFENSIVAS, 1ª edição, em 2017, o Manual de Campanha EB70-MC-10.228 - A Infantaria nas Operações, 1ª edição, em 2018, o Manual de Campanha EB70-MC-10.303 - Operação em Área Edificada, 1ª edição, em 2018, o Manual de Campanha EB70-MC-10.243 Divisão de Exército, 3ª edição, em 2020, o Manual de Campanha EB70-MC-10.310 - Brigada Blindada, 1ª edição, em 2019, o Manual de Campanha EB70-MC-10.355 Forças-Tarefas Blindadas, 4ª edição, em 2020, o Manual de Campanha EB70-MC-10.306 - Batalhão de Infantaria Mecanizado, Edição Experimental, em 2019, entre outros.

1.1.1 Antecedentes do problema

Ao analisar as datas de publicação do Manual C 7-20, 3ª edição, e os demais manuais de doutrina do EB, devido a defasagem nas datas de publicação, nota-se a não abordagem dos Batalhões de Infantaria Mecanizados, integrantes das Brigadas Médias como previsto no Manual EB20-MF-10.102 Fundamentos da Doutrina Militar Terrestre, por se tratar de uma concepção mais atual do que a data de aprovação do referido manual. O manual referente a Grandes Unidades de Infantaria Mecanizada encontra-se em fase de aprovação pelo Comando de Operações Terrestres (COTER) e o Manual EB70-MC-10.306 Batalhão de Infantaria Mecanizado, de 2019, é uma edição experimental.

Nota-se também a inexistência de manual específico de Batalhão de Infantaria Blindado, apesar da existência de publicação referente a Forças Tarefas Blindadas (FT Bld), o Manual de Campanha EB70-MC-10.355 Forças-Tarefas Blindadas, 4ª Edição aprovado no ano de 2020, bem como da publicação do Manual de Campanha EB70-MC-10.310 - Brigada Blindada, 1ª edição, aprovado em 2019.

Os manuais de Batalhão de Infantaria de Selva e Batalhão de Infantaria Leve, como previsto na introdução do manual C 7-20, 3ª edição, de 2003, são instruções provisórias com datas de publicação dos anos 1997 e 1996 respectivamente, entretanto o Manual de Campanha EB70-MC-10.218 - Operações Aeromóveis, 1ª edição, foi aprovado em 2017.

1.1.2 Formulação do problema

Diante dessa conjuntura de novas publicações doutrinárias aprovadas e em vigor, formulou-se a seguinte pergunta problema: a doutrina de defesa móvel prevista no Manual de Campanha C 7-20 – Batalhões de Infantaria, 3ª edição, de 2003, ainda se adequa a doutrina adotada nos demais manuais vigentes do Exército Brasileiro com datas de publicação mais atuais?

1.2 OBJETIVOS

Como maneira de orientar o presente estudo os objetivos foram divididos entre objetivo geral e objetivos específicos.

1.2.1 **Objetivo Geral**

O objetivo geral da pesquisa foi revisar os conceitos aplicados aos Batalhões de Infantaria nas operações de Defesa móvel vigentes no Manual de Campanha C 7-20 – Batalhões de Infantaria, 3ª edição, de 2003 , realizando primeiramente uma análise da forma de manobra em questão com os demais manuais vigentes e, posteriormente, de acordo com as divergências encontradas, aprofundar a pesquisa fornecendo subsídios para uma possível atualização.

1.2.2 **Objetivos Específicos**

Foram elaborados de maneira lógica com a finalidade de conduzir um estudo progressivo do assunto, os seguintes objetivos específicos:

- a. Descrever o conceito de Operações Defensivas;
- b. Descrever o conceito de Defesa em Posição;
- c. Descrever o Conceito de Defesa Móvel;
- d. Identificar divergências nos conceitos relativos à defesa móvel do C 7-20, 3ª Ed, com manuais vigentes no EB mais atuais;
- e. Estudar as divergências encontradas;
- f. Esclarecer as divergências encontradas;
- g. Apontar possibilidades de complementação ou melhoria nos conceitos de Defesa Móvel do Manual C 7-20, 3ª Ed, de 2003, caso necessário; e

- h. Propor uma atualização do manual C 7-20 no que se refere a forma de manobra defesa móvel dentro do contexto de operações de defesa em posição, caso necessário.

1.3 QUESTÕES DE ESTUDO

Com a finalidade de nortear o presente Trabalho de Conclusão de Curso, foram elaboradas as seguintes questões de estudo, que de forma lógica, auxiliaram no desenvolvimento da presente pesquisa científica relativa ao tema “O Batalhão de Infantaria na Defesa Móvel”:

- a. Existe divergência entre os conceitos de defesa móvel apresentados no C 7-20, 3ª edição e os demais manuais do EB mais atuais?
- b. Caso positivo, qual seria a divergência?
- c. Pode-se, através de publicações vigentes e mais atuais do EB, aprofundar o estudo e determinar a origem da divergência?
- d. Pode-se concluir, através do método dedutivo ou indutivo, a necessidade ou não de correção do conceito divergente?
- e. Existe necessidade de correção, atualização ou complementação do Manual de Campanha C 7-20 com relação as operações de defesa móvel?

1.4 METODOLOGIA

Para dirimir dúvidas com relação a forma de desenvolvimento do presente trabalho, dividiu-se a metodologia aplicada em: Objeto formal de estudo, amostra, delineamento da pesquisa, procedimentos para revisão da literatura, procedimentos metodológicos, instrumentos e análise dos dados.

1.4.1 Objeto Formal de Estudo

Como objeto formal de estudo temos o Artigo IV do Capítulo 5 do Manual C 7-20, 3ª edição, aprovado em 2003, que discorre conceitos sobre a forma de manobra defesa móvel aplicada aos batalhões de infantaria de um modo geral.

1.4.2 Amostra

O estudo visou coletar dados e informações a respeito dos conceitos relativos a forma de manobra defesa móvel atualizados, ou seja, de manuais vigentes do Exército Brasileiro, prioritariamente aprovados após o ano de 2003, e compará-los com os conceitos de Defesa móvel apresentados no Manual C 7-20 - Batalhões de Infantaria, 3ª edição, de 2003.

Os dados somente foram retirados de fontes oficiais e não revogadas do Exército Brasileiro, sendo realizado um indispensável juízo de valor quanto a data de publicação das mesmas, de forma a contribuir para um resultado eixado com a doutrina atual.

Os dados obtidos por fontes estrangeiras serviram apenas para comparação ou influenciaram em uma sugestão de modificação, conforme considerados válidos e agregadores de conhecimento relativo ao tema.

1.4.3 Delineamento da Pesquisa

O método adotado no presente estudo foi predominantemente o indutivo, pois partiu da observação de características e especificações particulares para uma definição mais ampla e genérica, de modo a selecionar a aptidão mais importante para resolver o problema originado pela divergência encontrada durante a pesquisa.

O tipo de pesquisa caracteriza-se por uma abordagem qualitativa, uma vez que não requer o uso de métodos e técnicas estatísticas e os fenômenos são interpretados de forma objetiva.

1.4.4 Procedimentos para revisão da Literatura

Por tratar-se de uma pesquisa com um objetivo de revisar conceitos abordados no manual C 7-20, 3ª edição, as fontes necessariamente devem estar aprovadas e vigentes. Por este motivo, foi consultada a Relação de Publicações do Exército – Edição 2021, publicada no Boletim Especial do Exército Nº 2/2020 de 31 de março de 2021, de modo a identificar o material de interesse para a pesquisa, ou seja, que abordasse sobre a forma de manobra defesa móvel, e posteriormente, todo o material identificado como relevante foi obtido nos sítios eletrônicos da Biblioteca Digital do Exército (BDEx) e do Centro de Operações Terrestres (COTER).

As fontes de consulta estrangeiras foram obtidas no sítio eletrônico do Exército dos Estados Unidos da América, no *Army Publishing Directorate (APD)*, levando se em conta apenas como critério de relevância o manual específico de batalhões de infantaria, pois a intenção da pesquisa estrangeira era somente de comparação, uma vez que cada exército desenvolve sua própria doutrina.

1.4.5 Procedimentos Metodológicos

O critério para incluir as fontes de pesquisa selecionadas foi a vigência das mesmas de acordo com o REPUBLEX 2021, entretanto os manuais com datas de aprovação mais atuais foram preteridos, de modo a adquirir-se o conhecimento mais atualizado possível. Manuais revogados não foram selecionados como fontes de consulta.

Os manuais estrangeiros somente foram consultados a título de comparação, uma vez que o objetivo da pesquisa não é o desenvolvimento de doutrina, mas sim uma revisão e verificação de adequação de conceitos.

1.4.6 Instrumentos

A presente pesquisa se utilizou da coleta bibliográfica. Com a finalidade de obter conhecimento de fontes escritas, foram feitas coletas em manuais, tanto nacionais quanto estrangeiros, com os seguintes temas: Defesa Móvel, Divisões de Exército na Defesa Móvel, Brigadas na Defesa Móvel, Batalhões de Infantaria na Defesa Móvel, Princípios de Guerra do Exército Brasileiro, Batalhões de Infantaria Blindados, Batalhões de Infantaria Leve, Batalhões de Infantaria de Selva, Batalhões de Infantaria Mecanizados, VBTP M113BR, Leopard 1A5 e VBMR 6X6 GUARANI.

1.4.7 Análise de dados

Os dados obtidos na pesquisa são conceitos sobre a forma de manobra defesa móvel e não podem ser quantificados ou tabulados, entretanto, através do pensamento lógico, é possível relacioná-los com a doutrina militar vigente e identificar possíveis falhas ou divergências.

1.5 JUSTIFICATIVA

Como exposto na introdução, a Doutrina Militar Terrestre é, por necessidade, constantemente atualizada, desta forma, as fontes de pesquisa das Forças Armadas devem constantemente passar por revisões, a fim de adequar-se com a mesma.

Também é necessário identificar peculiaridades dos Batalhões de Infantaria em sentido amplo, dissolvendo possíveis dúvidas quanto ao emprego dos mesmos na defesa móvel, fato que atualmente ocorre por ser abordado de maneira superficial no manual C 7-20.

A pesquisa auxilia na verificação de compatibilidade do Manual de Campanha C 7-20, 3ª edição, com a doutrina militar vigente no que tange a forma de manobra defesa móvel, uma vez que o mesmo foi confeccionado em data anterior aos manuais

doutrinários e também identifica eventuais correções a serem feitas e propõe uma revisão do artigo IV do capítulo 5 do respectivo manual.

Além da proposta do trabalho em si, todo conhecimento produzido visa construir uma fonte de consulta inicial, que pode vir a ser utilizada por outros pesquisadores com a finalidade de aprofundar o assunto ou auxiliar no desenvolvimento de pesquisas de assuntos correlatos.

Reveste-se ainda de importância para os Oficiais pertencentes aos diversos Estados Maiores da Força Terrestre, contribuindo para um correto planejamento das operações.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 CONCEITO DE OPERAÇÕES DEFENSIVAS

Operações defensivas são realizadas com os propósitos de manter um território, impedir que o inimigo obtenha acesso a determinada área, ganhar tempo para criar condições mais favoráveis, fornecer segurança para outras unidades, instalações, áreas e meios ou para influenciar no dispositivo do inimigo de modo a favorecer a concentração e conseqüente vulnerabilidade do mesmo. Para atingir seus objetivos, a Força Terrestre se utiliza das operações defensivas para impedir ou diminuir o efeito dos ataques do oponente, reduzindo sua capacidade de combate, economizando meios para emprego em outras áreas ou para retomar as operações ofensivas. Seguem-se os conceitos de operações defensivas dos manuais EB70-MC-10.223 Operações e EB70-MC-10.202 Operações Ofensivas e Defensivas, respectivamente:

3.3.1 São operações realizadas para conservar a posse de uma área ou território, ou negá-los ao inimigo, e, também, garantir a integridade de uma unidade ou meio. Normalmente, neutraliza ou reduz a eficiência dos ataques inimigos sobre meios ou territórios defendidos, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições mais favoráveis para a retomada da ofensiva (BRASIL, 2017d, p. 3-8)

4.1.1 As operações defensivas (Op Def) são operações terrestres normalmente realizadas sob condições adversas, como a inferioridade de meios ou a limitada liberdade de ação, em que se procura utilizar integralmente o terreno e as capacidades disponíveis para impedir, resistir ou se sobrepor a um ataque inimigo, infligindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições favoráveis para a retomada da ofensiva (BRASIL, 2017, p. 4-1).

As operações defensivas dividem-se em dois tipos, a defesa em posição e o movimento retrógrado, e estes se subdividem em cinco formas de manobra, a defesa de área, a defesa móvel, a ação retardadora, o retraimento e a retirada, conforme exemplificado na (Tabela 1):

OPERAÇÕES DEFENSIVAS	
TIPOS DE OPERAÇÕES	FORMA DE MANOBRA
DEFESA EM POSIÇÃO	DEFESA DE ÁREA
	DEFESA MÓVEL
MOVIMENTO RETRÓGRADO	AÇÃO RETARDADORA
	RETRAIMENTO
	RETIRADA

TABELA 1- Tipos e formas de operações defensivas
 Fonte: Brasil (2017, p. 3-10)

Normalmente, as operações defensivas ocorrem sob condições adversas como inferioridade de meios ou limitações da liberdade de ação. Podem ser impostas pela impossibilidade de se manter operações ofensivas ou em combinação com outras formas de manobra com o propósito de destruir o inimigo.

2.1.1 Escalonamento da Área de Defesa

Quando a F Ter executa operações defensivas, a área de defesa é escalonada de acordo com o tipo de operação ou forma de manobra que será empregada em determinado local, o grau de resistência adotado e a finalidade da tropa que ocupa determinada posição. A doutrina vigente adota três subáreas na área de defesa, são elas: área de segurança, área de defesa avançada e área de reserva.

4.3.2 A ÁREA DE SEGURANÇA é a região situada à frente da área de defesa avançada, onde atuam as forças do escalão de segurança da defesa.

4.3.3 A ÁREA DE DEFESA AVANÇADA está compreendida entre o limite anterior da área de defesa avançada e o limite de retaguarda dos elementos diretamente subordinados, empregados em primeiro escalão.

4.3.4 A ÁREA DE RESERVA está compreendida entre o limite de retaguarda dos elementos empregados em primeiro escalão e o limite de retaguarda do escalão considerado (BRASIL, 2017, p. 4-7).

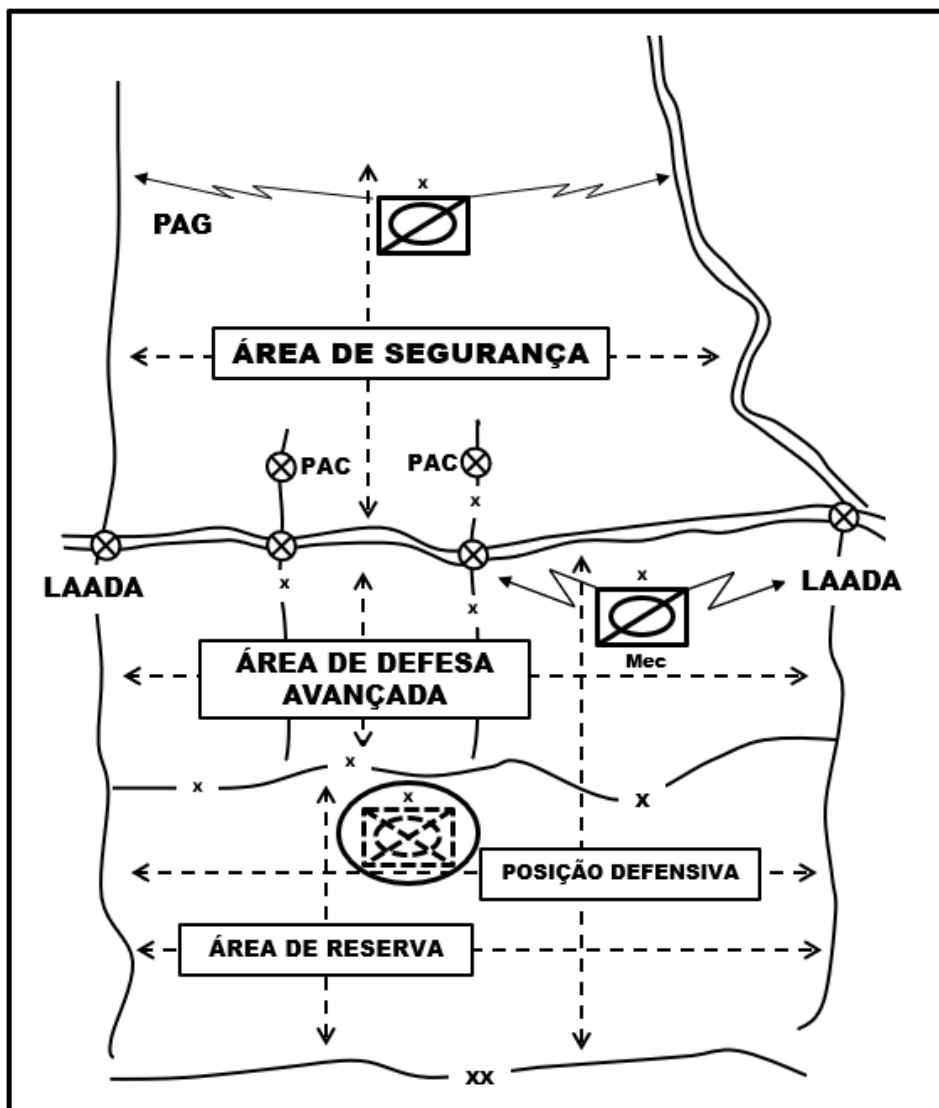


FIGURA 1 - Escalonamento da área de defesa
 Fonte: Brasil (2017, p. 4-7)

2.2 CONCEITO DE DEFESA EM POSIÇÃO

A defesa em posição, um tipo de operação defensiva que engloba a forma de manobra defesa móvel, caracteriza-se pela contraposição de forças oponentes em uma área organizada pelo defensor, que a ocupa em largura e profundidade com todos os meios disponíveis, aproveitando-se ao máximo do terreno e suas condições para dificultar ou barrar a ofensiva do atacante, causando-lhe desgaste.

4.5.1 Na defesa em posição, uma força procura contrapor-se à força inimiga atacante numa área organizada em largura e em profundidade e ocupada,

total ou parcialmente, por todos os meios disponíveis, com a finalidade de: a) dificultar ou deter a progressão do atacante, em profundidade, impedindo o seu acesso a uma determinada área; b) aproveitar todas as oportunidades para desorganizar, desgastar ou destruir as forças inimigas; e c) assegurar condições favoráveis para o desencadeamento de uma ação ofensiva (BRASIL, 2017, p.4-8).

2.3 CONCEITO DE DEFESA MÓVEL

A defesa móvel consiste em uma forma de manobra defensiva na qual uma força em contato com o inimigo realiza uma ação retardadora ou um retraimento com o objetivo de desgastar o inimigo e canalizá-lo para uma área (bolsão) onde terá vantagens táticas para engajá-lo decisivamente com a força de choque composta pela maior quantidade de meios possíveis, ou seja, é o emprego combinado de manobras defensivas como ação retardadora, retraimento e defesa de área e manobras ofensivas como um ataque de destruição limitado.

3.3.7.3.1 A defesa móvel visa à destruição das forças inimigas e, para isso, apoia-se no emprego de forças ofensivas dotadas de elevada mobilidade e poder de choque. Emprega uma combinação de ações ofensivas e defensivas. Nessa forma de manobra tática defensiva, o comandante emprega um menor poder de combate à frente e vale-se da manobra, dos fogos e da organização do terreno para recuperar a iniciativa.

3.3.7.3.2 Normalmente, para atingir as finalidades de uma defesa móvel, parte dos meios opera retardando o inimigo e parte opera como na defesa de área. Outra tropa tem a missão de retrain, atraindo o inimigo para uma situação que favoreça o desencadeamento de um ataque de destruição (BRASIL, 2017d, p. 3-11).

Em geral, o menor escalão capaz de realizar uma defesa móvel é a DE, devido as suas capacidades de constituir uma força de choque suficientemente poderosa para permitir um ataque de destruição eficiente.

[...] a) a defesa móvel concentra-se na destruição do inimigo por meio de um ataque decisivo por uma força de choque. Essa forma de manobra é conduzida de modo a permitir que forças inimigas avancem a um determinado ponto do sistema defensivo, no qual fiquem expostas a um contra-ataque decisivo, constituído pela maior parte do poder de combate disponível na DE. A força de fixação mantém o contato com as forças inimigas, canalizando-as para uma área onde a Divisão possa destruí-las. Em princípio, a destruição do inimigo se dá por meio do máximo emprego de forças móveis, preferencialmente, forças blindadas e mecanizadas apoiadas pela aviação de ataque. Porém, sob condições específicas, como no combate urbano, por

exemplo, a força de choque pode ser constituída por elementos de outra natureza. Enfim, a defesa móvel exige o sincronismo de ações ofensivas, defensivas e de retardamento, realizadas simultaneamente (BRASIL,2020, p. 6-13).

Quando empregada uma defesa móvel por uma DE, as Grandes Unidades (Brigadas) ou as Unidades (Batalhões e Regimentos) componentes receberão missões específicas, como parte da manobra de defesa móvel da DE, entretanto, as missões desempenhadas no escalão GU e U serão outras formas de manobra, tanto defensivas como ofensivas.

2.3.1 Escalonamento da Área de Defesa na Defesa Móvel

Como a defesa móvel geralmente é conduzida por uma DE, as missões relativas à área de defesa a seguir serão citadas no escalão GU ou U, de modo a facilitar o entendimento.

2.3.1.1 Área de Segurança

Na área de segurança as tropas empregadas têm como missões principais, dar o alerta oportuno da aproximação do inimigo, iludi-lo a respeito da real localização do limite anterior da área de defesa avançada (LAADA), e oferecer uma resistência continuada retardando-o com a finalidade de degradá-lo e reduzir seu poder de combate, ganhando tempo para as forças que ocupam a posição defensiva. Para atingir esses objetivos, são designadas GU ou Unidades para comporem o Escalão de Segurança da DE, composto pela Força de Cobertura (F Cob), Postos Avançados Gerais (PAG) e Postos Avançados de Combate).

A Força de Cobertura atuará realizando uma ação retardadora com a finalidade principal de trocar espaço por tempo e degradar o inimigo de acordo com as suas possibilidades.

3.3.8.3.4 Força de Cobertura: opera a uma considerável distância à frente da área de defesa avançada, com a finalidade principal de trocar espaço por

tempo, em benefício da organização da posição defensiva. Tal missão é cumprida através de um contínuo e agressivo retardamento do inimigo, o que requer o emprego de forças altamente móveis e capazes de atuar fora da distância de apoio de outras forças. Por isso, a Infantaria blindada é a mais adequada para constituir ou integrar uma força de cobertura. Necessita ser convenientemente reforçada com carros de combate, elementos de apoio de fogo e outros elementos de apoio ao combate e logístico. A Infantaria mecanizada, devidamente reforçada, pode, também, constituir a força de cobertura (BRASIL, 2018, p. 3-25).

Os postos avançados gerais atuarão realizando uma ação retardadora em uma única posição, diferenciando-se assim da força de cobertura que poderá realizar a ação retardadora em mais posições.

3.3.8.3.5 Postos Avançados Gerais: a) os PAG são posições estabelecidas à frente da área de defesa avançada, com a principal missão de, sem chegar ao engajamento decisivo das forças que a ocupam, provocar o desdobramento prematuro do inimigo, retardar e desorganizar a sua progressão e iludi-lo quanto à verdadeira localização da posição defensiva. Podem fornecer, ainda, oportuno aviso da aproximação do inimigo, assegurando aos elementos da área de defesa avançada tempo suficiente para ultimarem os preparativos para o combate; b) os PAG são localizados visando a impedir a observação terrestre e os tiros observados de artilharia sobre a área de defesa avançada; c) o dispositivo dos PAG assemelha-se ao de uma defesa de área em larga frente, com reduzida profundidade e reserva fraca. Os PAG diferem da força de cobertura porque ganham o prazo imposto pela missão, basicamente em uma única posição. Retraem através da área de defesa avançada, depois de cumprida sua missão ou mesmo antes, se autorizados pelo escalão superior, quando a ação do inimigo os ameaçar de um engajamento decisivo; e d) a Infantaria blindada e mecanizada, reforçadas com carros de combate e elementos de apoio de fogo, são as mais aptas ao estabelecimento dos postos avançados gerais (BRASIL, 2018, p. 3-25).

Os postos avançados de combate (PAC) realizarão uma ação retardadora semelhante aos PAG, entretanto a uma distância mais próxima do LAADA e serão mobiliados pelas GU, U ou SU de 1º Escalão que compõe a área de defesa avançada. Por estarem mais próximos ao LAADA, os PAC poderão ser constituídos por tropas de qualquer natureza, já que necessitam apenas de mobilidade suficiente para retraírem para a área de defesa avançada.

3.3.8.3.6 Postos Avançados de Combate: a) os PAC são constituídos por uma série de postos, cobrindo a parte anterior da Área de Defesa Avançada. Sua finalidade principal é alertar a área de defesa avançada quanto à aproximação do inimigo, bem como protegê-la contra a observação direta deste. São de responsabilidade das brigadas (Bda), podendo, quando necessário, ser de responsabilidade das unidades e das subunidades. Devem ainda, infligir ao inimigo o máximo de desgaste, sem engajar-se no combate aproximado; e b) os PAC são estabelecidos pelas próprias unidades da Área de Defesa Avançada a uma distância à frente do LAADA que negue ao inimigo a observação terrestre aproximada e os fogos diretos sobre a Área

de Defesa Avançada. A Infantaria, sem restrições, é apta ao seu estabelecimento (BRASIL, 2018, p. 3-25).

2.3.1.2 Área de Defesa Avançada (ADA)

A área de defesa avançada (ADA) é o local onde a operação defensiva ocorre em sua forma mais expressiva, pois o objetivo final é o bloqueio do atacante, não mais admitindo-se a perda de território para o inimigo. A ADA é a porção compreendida entre o limite anterior da área de defesa avançada (LAADA) e o limite de retaguarda dos elementos empregados em 1º escalão, ou seja, a ADA varia de acordo com o escalão que se esteja analisando. Exemplificando, a ADA de uma Unidade é compreendida do LAADA até o último elemento da SU empregada em 1º escalão, entretanto a ADA de uma GU é compreendida entre o LAADA e o último elemento de manobra da U empregada em 1º escalão.

3.3.8.4.1 A ADA está compreendida entre o limite anterior da área de defesa avançada e o limite de retaguarda dos elementos diretamente subordinados, empregados em primeiro escalão.

3.3.8.4.2 A missão dos elementos de primeiro escalão é deter o inimigo à frente da posição, procurando impedir, por meio de fogos e do combate aproximado, a sua entrada na referida área. Para cumprir esta missão, os elementos da ADA bloqueiam as vias de acesso disponíveis para o inimigo, não somente junto ao LAADA, mas em profundidade, a fim de limitar possíveis penetrações (BRASIL, 2018, p. 3-26).

Em uma defesa móvel, os elementos desdobrados na ADA serão chamados de força de fixação. Parte das forças de 1º escalão presentes na ADA desempenharão missões similares as executadas em uma defesa de área, ou seja, bloquearão o avanço do inimigo e na medida do possível o canalizarão para a área onde a defesa está sendo realizada pela outra parte, que realizará um movimento retrógrado, induzindo o inimigo a ocupar regiões previamente escolhidas e favoráveis para um contra-ataque de destruição ou emprego massivo de fogos de apoio.

2.3.1.3 Área de Reserva

A área de reserva é compreendida entre os últimos elementos de manobra subordinados em 1º escalão até os últimos elementos de manobra do escalão considerado. Assim como a ADA, varia de acordo com o escalão, ou seja, a área de reserva de uma unidade é compreendida entre a linha da retaguarda do último elemento de manobra da SU em 1º escalão até a linha do último elemento de manobra da reserva da unidade, enquanto a área de reserva da brigada corresponde da linha do último elemento de manobra das unidades de 1º escalão até a linha dos últimos elementos de manobra da reserva da Bda.

Na defesa móvel, cada unidade e grande unidade contará com elementos em reserva para manter sua flexibilidade na manobra, entretanto, a maior parte do poder de combate da reserva estará à disposição da DE. Em momento oportuno, o comandante da divisão de exército utilizará de sua reserva dotada de grande mobilidade e ação de choque, que constituirá nesse momento a força de choque, para realizar o ataque de destruição no inimigo localizado a frente, no interior ou na retaguarda da ADA, e para isso, caso necessário, poderá também utilizar as reservas das unidades e grandes unidades a seu comando como forma de maximizar o poder de combate da força de choque.

- n) a reserva deve reunir o maior poder relativo de combate possível. Elevada mobilidade tática é crucial para a execução de um contra-ataque letal e decisivo. Em condições ideais, a reserva deve ser constituída por formações blindadas, mecanizadas e por forças aeromóveis. A força de contra-ataque tem como missão destruir o inimigo pela ação ofensiva na frente, no interior ou na retaguarda da área de defesa avançada. A força de contra-ataque prepara-se para conduzir um contra-ataque onde quer que uma oportunidade se apresente. A possibilidade de emprego de meios aeromóveis em reserva aumenta a flexibilidade e a presteza da força para reagir às situações táticas diversas. A disponibilidade de helicópteros de ataque e o judicioso emprego do apoio de fogo aéreo aumentam, sobremaneira, a letalidade da força de contra-ataque, especialmente, em face de formações blindadas inimigas;
- o) a reserva é localizada de modo a deslocar-se rapidamente para qualquer parte da posição defensiva. Elementos da reserva podem ocupar posições de bloqueio, a fim de auxiliar o estabelecimento de condições favoráveis para o contra-ataque decisivo pelo restante dela (maioria de seus meios). O Cmt da reserva prepara planos de contra-ataque detalhados, baseados nos planos básicos de contra-ataque, elaborados pela DE (BRASIL, 2020, p. 6-17).

2.4 FORÇA DE FIXAÇÃO: Inf Bld E Inf Mec.

Como apresentado anteriormente, a força de fixação presente na área de defesa avançada, pode cumprir duas tarefas distintas, sendo elas: uma defesa em posição ou um movimento retrógrado, ambas tem como finalidade direcionar o inimigo para um “bolsão” onde a reserva (força de choque) poderá realizar um contra-ataque de destruição em melhores condições.

Surgem, neste momento, divergências entre os manuais C 7-20, 3ª edição, aprovado em 2003, o Manual de Campanha EB70-MC-10.228 - A Infantaria nas Operações, 1ª edição, aprovado em 2018, o Manual de Campanha EB70-MC-10.243 - Divisão de Exército, 3ª edição, aprovado em 2020, o Manual de Campanha EB70-MC-10.310 - Brigada Blindada, 1ª edição, aprovado em 2019 e o Manual de Campanha EB70-MC-10.306 - Batalhão de Infantaria Mecanizado, Edição Experimental, aprovado em 2019.

Segundo o C 7-20, 3ª edição, a infantaria blindada é o tipo de infantaria mais apta para ser empregada como força de fixação que realiza um movimento retrógrado atraindo o inimigo para o interior da área de defesa avançada (bolsão), conforme o seguinte trecho do referido manual:

e. A Inf Bld é a mais apta a integrar as forças da ADA encarregadas de retardar o inimigo, atraindo-o para o interior da posição. A infantaria a pé ou motorizada é normalmente empregada na manutenção de acidentes capitais importantes do terreno, onde não se admite uma penetração inimiga (BRASIL, 2003, p. 5-69).

O Manual de Campanha EB70-MC-10.228 - A Infantaria nas Operações, 1ª edição, aprovado em 2018, apresenta outro conceito que diverge do apresentado pelo C 7-20, 3ª edição, estabelecendo que a tropa de infantaria mais apta a ser empregada como força de fixação encarregada de atrair o inimigo para uma posição mais propícia ao contra-ataque de destruição da reserva (Força de choque) é a infantaria mecanizada, conforme trecho extraído a seguir:

3.3.10.3.3 A defesa móvel é a forma de defesa que melhor explora as características da Infantaria blindada, que tem maior aptidão para compor a Força de Choque e que será a principal responsável pela destruição do inimigo. A Infantaria mecanizada tem maior aptidão para atuar como Força de Fixação, procurando atrair o inimigo para uma posição favorável onde será destruído pela Força de Choque (BRASIL, 2018, p. 3-29).

Admitindo as duas situações, o Manual de Campanha EB70-MC-10.243 - Divisão de Exército, 3ª edição, aprovado em 2020, segue no conceito de que o tipo de tropa mais apto para realizar a destruição do inimigo são aquelas que possuem mobilidade e ainda define que em situações específicas, não necessariamente as tropas blindadas ou mecanizadas serão as mais aptas a constituir a força de choque. Vale ressaltar que este manual define a natureza da tropa e se refere tanto a infantaria quanto a cavalaria.

6.2.2.4.14 Defesa Móvel

a) a defesa móvel concentra-se na destruição do inimigo por meio de um ataque decisivo por uma força de choque. Essa forma de manobra é conduzida de modo a permitir que forças inimigas avancem a um determinado ponto do sistema defensivo, no qual fiquem expostas a um contra-ataque decisivo, constituído pela maior parte do poder de combate disponível na DE. A força de fixação mantém o contato com as forças inimigas, canalizando-as para uma área onde a Divisão possa destruí-las. Em princípio, a destruição do inimigo se dá por meio do máximo emprego de forças móveis, preferencialmente, forças blindadas e mecanizadas apoiadas pela aviação de ataque. Porém, sob condições específicas, como no combate urbano, por exemplo, a força de choque pode ser constituída por elementos de outra natureza. Enfim, a defesa móvel exige o sincronismo de ações ofensivas, defensivas e de retardamento, realizadas simultaneamente (BRASIL, 2020, p. 6-13 e 6-14);

O Manual de Campanha EB70-MC-10.310 - Brigada Blindada, 1ª edição, aprovado em 2019, define um conceito semelhante ao Manual de Campanha EB70-MC-10.228 - A Infantaria nas Operações, 1ª edição, no que tange a tropa blindada, entretanto não se refere ao emprego da tropa mecanizada.

4.5.5.2.1 Generalidades

a) A Bda Bld, enquadrada numa DE ou no Corpo de Exército, deve, em princípio, constituir a sua reserva e ser empregada como Força de Choque (F Chq), realizando contra-ataques de destruição.
b) Nessa missão, será aproveitada toda a sua potência e mobilidade em combate para destruir o inimigo.
c) O seu emprego como Força da ADA (F ADA) ou como Força de Fixação (F Fix) é inadequado e só deverá ocorrer em situações extremas e críticas do combate, quando não houver outra opção para o escalão superior (BRASIL, 2019c, p. 4-50).

Contrariando o Manual de Campanha EB70-MC-10.228 - A Infantaria nas Operações, 1ª edição, o Manual de Campanha EB70-MC-10.306 - Batalhão de Infantaria Mecanizado, Edição Experimental, aprovado em 2019, apresenta um conceito diferente em que a infantaria mecanizada não constitui a tropa mais adequada para emprego como força de fixação. Vale ressaltar que este manual é uma

edição experimental e pode conter erros ou vir a ser modificado em uma edição definitiva.

6.4.3.1 O BI Mec, em princípio, não deve ser empregado como força de fixação, por não ser o emprego mais adequado para uma força mecanizada e não permitir que explore corretamente suas características. Contudo, se os fatores da decisão assim o indicarem, o BI Mec pode integrar uma força de fixação conduzida pela DE (BRASIL, 2019d, p. 6-20).

Desta maneira fica evidente que existe uma divergência entre os conceitos sobre a tropa de infantaria mais adequada para ser empregada como força de fixação em uma defesa móvel.

2.4.1 A Infantaria Blindada

A infantaria blindada é representada pelos batalhões de infantaria blindados, orgânicos das Brigadas Blindadas de Infantaria ou Cavalaria. Recebe esta denominação devido aos seus meios, atualmente as Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal M113BR, que proporcionam razoável grau de segurança para as guarnições embarcadas, protegendo-as contra fogos de armas leves e fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia.

Ao abordar as características de emprego da infantaria blindada, deve-se fazê-lo apresentando também as características da cavalaria blindada, representada pelos regimentos de carros de combate e de cavalaria blindada, devido a peculiaridade das brigadas blindadas normalmente atuarem constituindo forças tarefas, o que soma o poder de combate das duas armas.

2.3.2.2 O poder de combate da Bda Bld repousa no emprego combinado dos CC e dos Fuz Bld. Dessa forma, os BIB e os RCC devem ser integrados, formando FT U Bld e FT SU Bld) (BRASIL, 2019c, p. 2-17).

O C 7-20, 3ª edição, faz alusão a um manual de batalhões de infantaria blindados, entretanto tal manual não consta no REPUBLICEX 2021. Por outro lado, existem 2 manuais que tratam do assunto relativo a tropas blindadas no Exército Brasileiro, são eles o Manual de Campanha EB70-MC-10.310 - Brigada Blindada, 1ª edição, aprovado em 2019 e o Manual de Campanha EB70-MC-10.355 - Forças-Tarefas Blindadas, 4ª edição, aprovado em 2020.

O Batalhão de Infantaria Blindado é composto por 4 SU, especialmente adaptado para a formação de FT Bld que é a principal forma de emprego desta unidade.

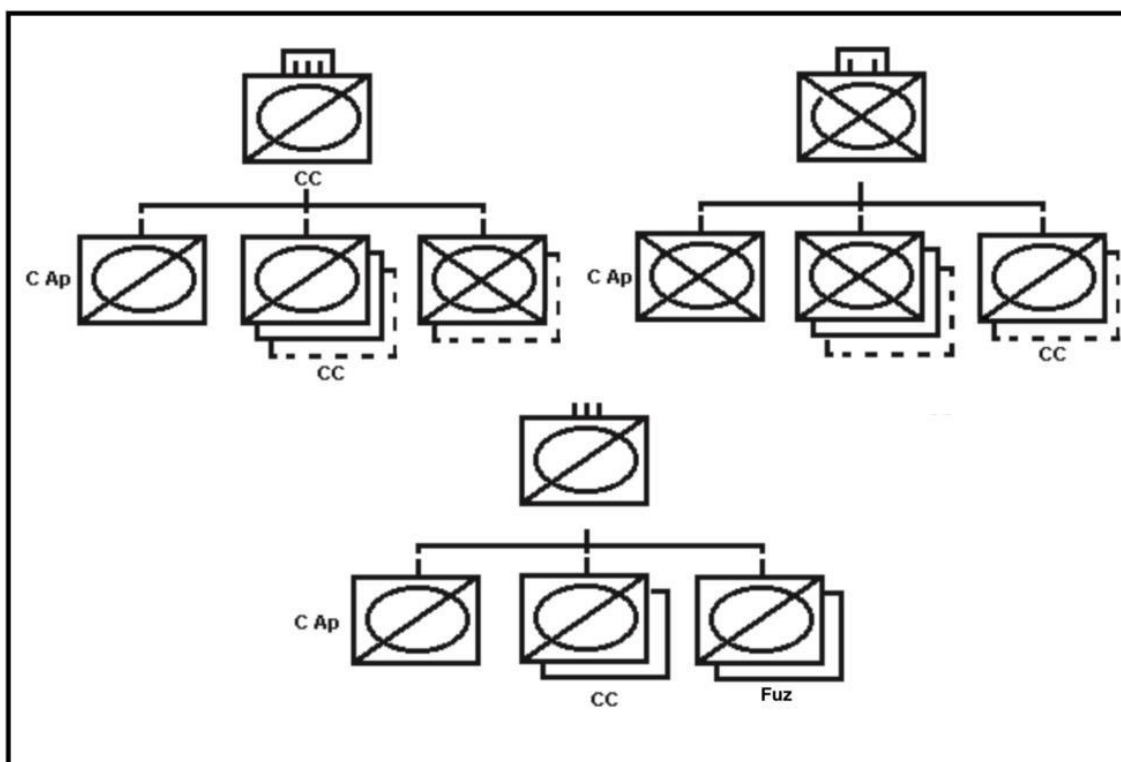


FIGURA 2 - Estrutura organizacional do RCB e das FT BIB e RCC
Fonte: Brasil (2020b, p. 2-5)

As forças tarefas blindadas (FT Bld) são elementos de manobra que apresentam características essenciais para a força de choque da defesa móvel, como mobilidade, potência de fogo, proteção blindada e ação de choque:

2.3.5 A FT Bld é um elemento de manobra que apresenta como características:

- a) mobilidade – a mobilidade da FT Bld é tática, sendo assegurada pela sinergia das possibilidades técnicas e táticas de suas viaturas blindadas (VB) e apoios orgânicos ou modulares. Essa mobilidade é traduzida em grande velocidade nos deslocamentos por estrada, bom rendimento em caminhos secundários e através do campo e boa capacidade de transposição de obstáculos. Suas viaturas possibilitam executar manobras rápidas e flexíveis, viabilizando a obtenção da surpresa.
- b) potência de fogo – decorrente do poderio de seu armamento orgânico, notadamente das Viaturas Blindadas de Combate (VBC) CC, das VBC Fuz, das VBC Morteiro (Mrt), das Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal (VBTP), assim como das armas automáticas, dos mísseis (Msl) e dos canhões AC.
- c) proteção blindada – proporcionada pela blindagem de suas viaturas, capacitando-as a realizar o combate embarcado, com elevado grau de segurança para as guarnições, contra fogos de armas leves e fragmentos de granadas de morteiros e de artilharia. A capacidade de sobrevivência

fornecida pela proteção blindada é fundamental para a realização de operações com o mínimo de baixas entre as tropas amigas, com reflexos na moral do combatente e no apoio da opinião pública.

d) ação de choque – resultante da combinação da potência de fogo com a mobilidade e a proteção blindada. A ação de choque depende da surpresa obtida pela manobra, inteligência e mobilidade, assim como da utilização do armamento dos blindados, dos fogos dos morteiros e do apoio de fogo dos escalões enquadrantes. Ao mesmo tempo, deve-se considerar o impacto psicológico que a ação de choque, propiciada pelo emprego da FT Bld, causará no inimigo.

e) flexibilidade – produto da mobilidade, do seu sistema de comando e controle amplo e flexível, da versatilidade de sua organização e da estrutura organizacional de suas peças de manobra. Essa flexibilidade permite que o comando execute com presteza o controle, a coordenação e a modificação de manobras, mesmo em ações com grande profundidade ou em larga frente, viabilizando a manutenção da iniciativa da FT Bld mesmo com a evolução do combate e as mudanças no ambiente operacional (BRASIL, 2020b, p. 2-3).

2.4.2 A Infantaria Mecanizada

A infantaria mecanizada é representada pelos batalhões de infantaria mecanizados, orgânicos das brigadas de infantaria mecanizadas e têm esta denominação devido aos seus meios, atualmente as Viaturas Blindadas Média sobre Rodas 6x6 GUARANI. Assim como as VBTP M113BR, as viaturas mecanizadas também proporcionam razoável grau de segurança para as guarnições embarcadas devido a sua blindagem, entretanto sua mobilidade é proporcionada por conjuntos de rolamento sobre rodas e não lagartas como na infantaria blindada.

Diferentemente dos batalhões de infantaria blindados, os batalhões de infantaria mecanizados possuem 3 companhias de fuzileiros e as brigadas de infantaria mecanizadas possuem 3 batalhões de infantaria mecanizados. A estrutura das brigadas de infantaria mecanizadas, diferentemente das brigadas blindadas, não é propícia para a formação de forças tarefas entre as unidades, entretanto os batalhões de infantaria mecanizados podem constituir forças tarefas, caso sejam reforçados com SU de carros de combate.

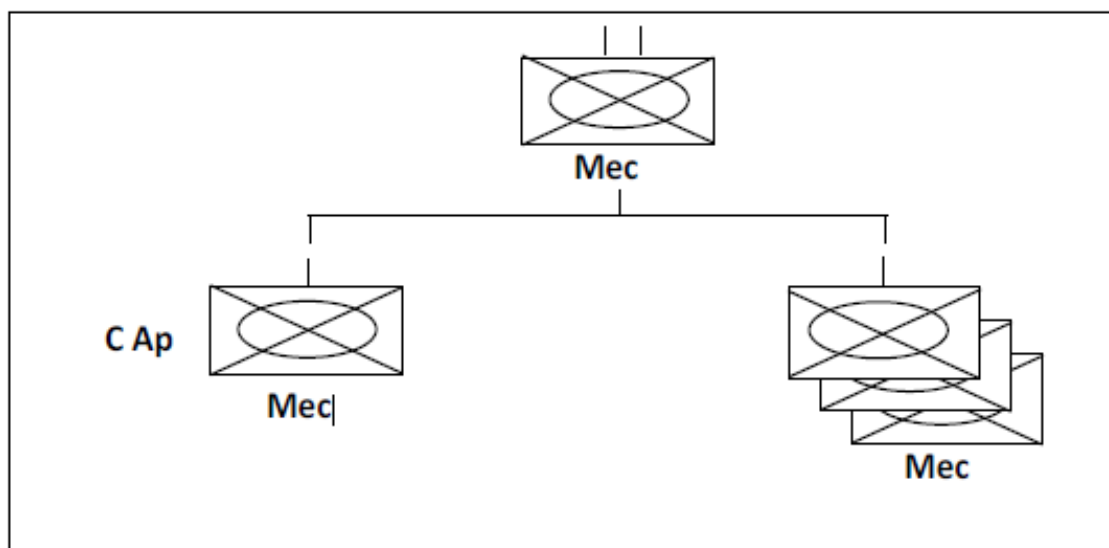


FIGURA 3 - Estrutura organizacional do BI Mec
 Fonte: Brasil (2019d, p. 1-4)

As capacidades da infantaria mecanizada se assemelham as da infantaria blindada, entretanto o poder de fogo é inferior ao das FT Bld, pois a infantaria mecanizada não possui carros de combate equipados com canhões 105mm como o Leopard 1A5 orgânico dos RCC das Bda Bld. A infantaria mecanizada é dotada de excelente mobilidade, entretanto possui limitada trafegabilidade através campo e limitada proteção blindada.

1.2.1.1 O BI Mec é uma unidade do tipo média, dotada de grande mobilidade e rapidez, decorrente da sua dotação de viaturas blindadas, particularmente, em suas peças de manobra, o que lhe confere relativa proteção blindada e potência de fogo. Possui flexibilidade de emprego operacional porque é capaz de realizar operações ofensivas e defensivas continuadas, sob condições meteorológicas adversas e de visibilidade reduzida, em variados terrenos. É, particularmente, vocacionada a realizar operações em áreas humanizadas, em um ambiente de amplo espectro. Pode, também, integrar Forças que realizam operações de alta mobilidade como envolvimento, desbordamento, aproveitamento do êxito e a perseguição. O emprego do armamento orgânico das viaturas blindadas e das armas de apoio permitem acompanhar de forma cerrada e dinâmica a aproximação dos meios para o combate e o apoio ao movimento dos fuzileiros quando desembarcados (BRASIL, 2019d, p. 1-2).

1.2.4.1 O BI Mec incorpora as limitações próprias das tropas blindadas médias, sendo as principais especificadas a seguir:

- a) limitada proteção contra os efeitos de armas químicas, biológicas e nucleares;
- b) mobilidade veicular limitada pelas florestas, montanhas, áreas fortificadas, áreas construídas e terrenos acidentados;
- c) vulnerabilidade a ataques aéreos;
- d) sensibilidade às condições meteorológicas adversas, com redução de sua mobilidade;

- e) sensibilidade ao largo emprego de minas anticarro e a obstáculos artificiais;
- f) dificuldade de manutenção do sigilo de suas operações em virtude do ruído e da poeira decorrentes do deslocamento de suas viaturas;
- g) elevado consumo de combustíveis, óleos lubrificantes, munição e grande necessidade de outros apoios, particularmente de manutenção;
- h) redução de potência de fogo quando desembarcado, em razão de parte de seu armamento ser fixo às viaturas;
- i) limitada proteção blindada; e
- j) limitada trafegabilidade através campo (BRASIL, 2019d, p. 1-3).

Dentre as possibilidades do BI Mec, pode-se identificar a participação em movimentos retrógrados e das ações dinâmicas da defesa, isso se deve particularmente pela capacidade de prover a sua mobilidade com relativa proteção blindada com os seus próprios meios, as viaturas mecanizadas, assim como a tropa blindada.

2.5 DEFESA MÓVEL EM SELVA

A IP 72-20 – O BATALHÃO DE INFANTARIA DE SELVA, 1ª Edição de 1997 não aborda sobre a forma de manobra defesa móvel, entretanto, a IP 72-1 – OPERAÇÕES NA SELVA, 1ª Edição, aprovada em 1997 aborda o seguinte:

b. Defesa móvel - Nas operações em selva a Def Mv terá características diferentes da empregada em terreno dito convencional. Através da distribuição de pontos fortes no terreno, o ataque inimigo pode ser canalizado para uma área onde as condições do terreno lhe sejam desfavoráveis e aí destruído, através do uso do fogo de saturação de área e da atuação de elementos da força que executa a defesa móvel diretamente sobre o inimigo cercado, ou sobre suas linhas de suprimento (BRASIL, 1997, p. 6-5).

Devido as características peculiares do ambiente de selva, é correto deduzir que se não houver a possibilidade de emprego de tropa blindada ou mecanizada, a forma de manobra defesa móvel neste ambiente particular deve sofrer adaptações, como utilização de tropas de naturezas diferentes integrando a força de choque, ou até mesmo ser substituída por outra forma de manobra.

2.6 DEFESA MÓVEL EM ÁREA EDIFICADA

Como exposto anteriormente, o Manual de Campanha EB70-MC-10.243 - Divisão de Exército, 3ª edição, aprovado em 2020, já exemplifica como conceito, a aplicação de uma tropa de outra natureza, diferente de blindada ou mecanizada, como força de choque, caso o terreno não permita o emprego destas.

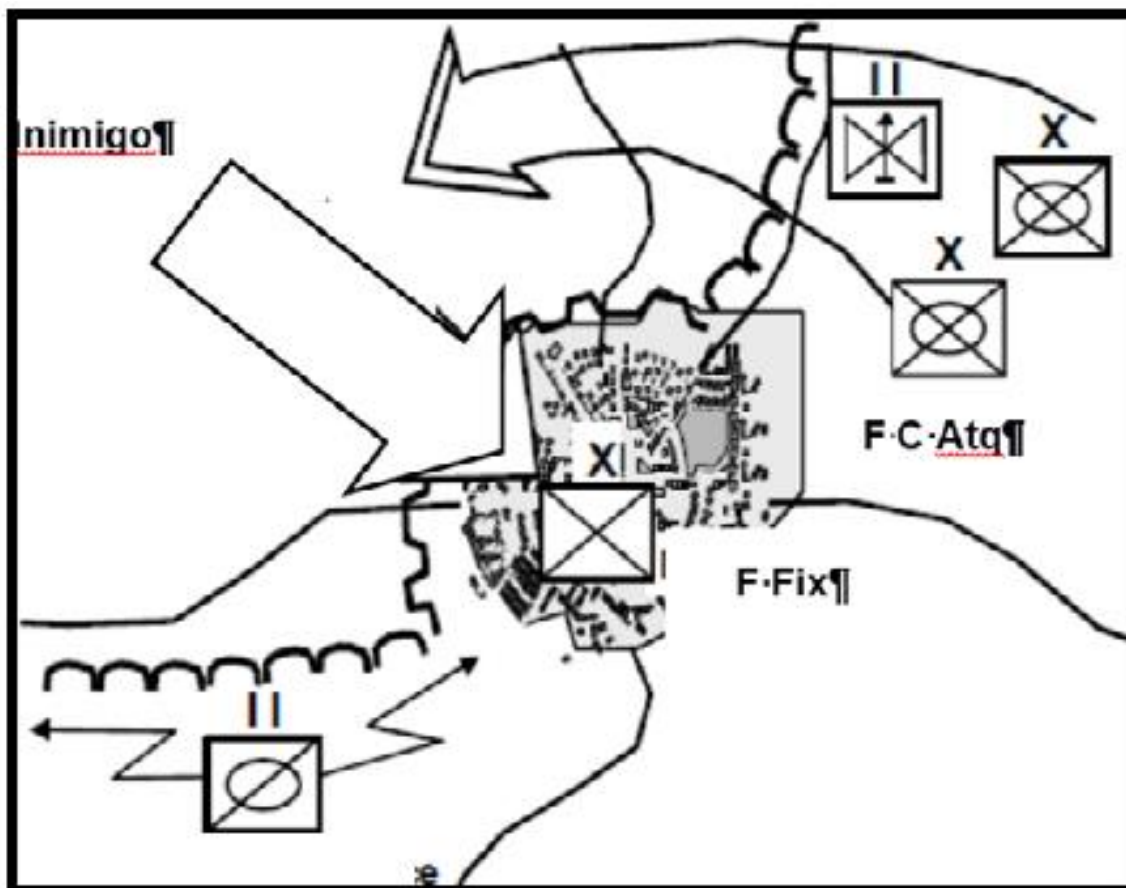


FIGURA 4 - Defesa móvel em área edificada
Fonte: Brasil (2018b, p. 4-6)

Nesta linha de raciocínio, vislumbra-se a possibilidade de aplicação da forma de manobra defesa móvel em uma área edificada, entretanto os fatores da decisão devem ser muito bem analisados, pois tornam-se extremamente críticos para o desenvolvimento da manobra.

4.2.1.2 Defesa móvel

4.2.1.2.1 A defesa móvel (Fig 4-3) pode ser adotada em uma área edificada, desde que esta ofereça condições específicas que favoreçam o estabelecimento de uma área para a destruição do inimigo ("bolsão") no interior da localidade, sem afetar a integridade dos não combatentes. Assim, são preferidas áreas de baixa densidade urbana, capazes de potencializar a manobra e os fogos, exigindo do defensor uma mobilidade superior que a do atacante.

4.2.1.2.2 O método de execução da defesa móvel em área edificada segue a forma preconizada na doutrina. Uma força de fixação, de natureza e valor adequados ao inimigo que se apresenta, executa uma ação retardadora e um bloqueio em profundidade no “bolsão”, permitindo o contra-ataque por uma força de choque, que prosseguirá na destruição da força oponente.

4.2.1.2.3 As dificuldades na execução dos fogos de artilharia e no movimento de tropas blindadas, no interior de áreas edificadas, podem ser consideradas fatores críticos.

4.2.1.2.4 No caso de inviabilidade de adoção da defesa móvel, a Divisão de Exército (DE) deve considerar o emprego da técnica de defesa elástica pelos escalões brigada e batalhão (BRASIL, 2018b, p. 4-6).

2.7 DEFESA MÓVEL E AS OPERAÇÕES AEROMÓVEIS

As operações aeromóveis são caracterizadas pelo uso de helicópteros para o transporte de tropas leves no campo de batalha. Tem como características principais a surpresa, a iniciativa, a flexibilidade, a oportunidade, a modularidade, a seletividade, a sustentabilidade, a agressividade e a velocidade.

1.3.5 Brigada Aeromóvel (Bda Amv): grande unidade (GU) formada basicamente por batalhões de infantaria leve. Sua principal característica é a possibilidade de mobilidade estratégica, decorrente da sua estrutura organizacional leve e modular, adequada ao transporte por qualquer meio, principalmente o aéreo. Possui, também, mobilidade tática, que é proporcionada pelo emprego conjunto com forças de helicópteros em operações aeromóveis, particularmente no assalto aeromóvel, o que a torna apta a realizar o combate em profundidade. Nesse caso, é sensível às condições meteorológicas e depende do transporte aeromóvel. Fica bastante vulnerável durante a execução do assalto aeromóvel e, posteriormente, à ação dos blindados do inimigo. É, ainda, apta a realizar infiltrações e incursões à retaguarda de posições inimigas, participar do isolamento do campo de batalha e de operações de transposição de cursos de água que constituam obstáculos (BRASIL, 2017c, p. 1-2).

Durante uma defesa móvel, os Batalhões de Infantaria Leve, que são a Força de Superfície (F Spf), podem, se apoiados por uma força de helicópteros (F Helcp), executar missões apoiando-se nas características das operações aeromóveis, principalmente na agressividade, surpresa e velocidade, explorando assim ainda mais as desvantagens do inimigo.

3.3.4.5 Durante a execução de uma defesa móvel (Fig 3-2), os meios Amv, além das operações executadas na defesa de área, podem participar também

da destruição das forças inimigas, no interior da penetração, realizando um Atq Amv.

3.3.4.6 Caso seja necessário, com base nos fatores da decisão, as unidades de infantaria leve (os BIL) podem receber a missão de ocupar núcleos de aprofundamento, em uma defesa de área, ou de bloqueio, em uma defesa móvel. Nesses casos, a F Helcp realiza a operação de transporte aeromóvel e desembarca a F Spf na região a ser ocupada (BRASIL, 2017c, p. 3-7).

Desta forma, o Batalhão de Infantaria Leve pode ser empregado na área de segurança, na área de defesa avançada ou na reserva, sendo que para emprego na área de segurança e na reserva, necessita ser apoiado por uma força de helicópteros que lhe proporcione a mobilidade necessária para flexibilizar seu emprego rápido em qualquer parte do dispositivo defensivo.

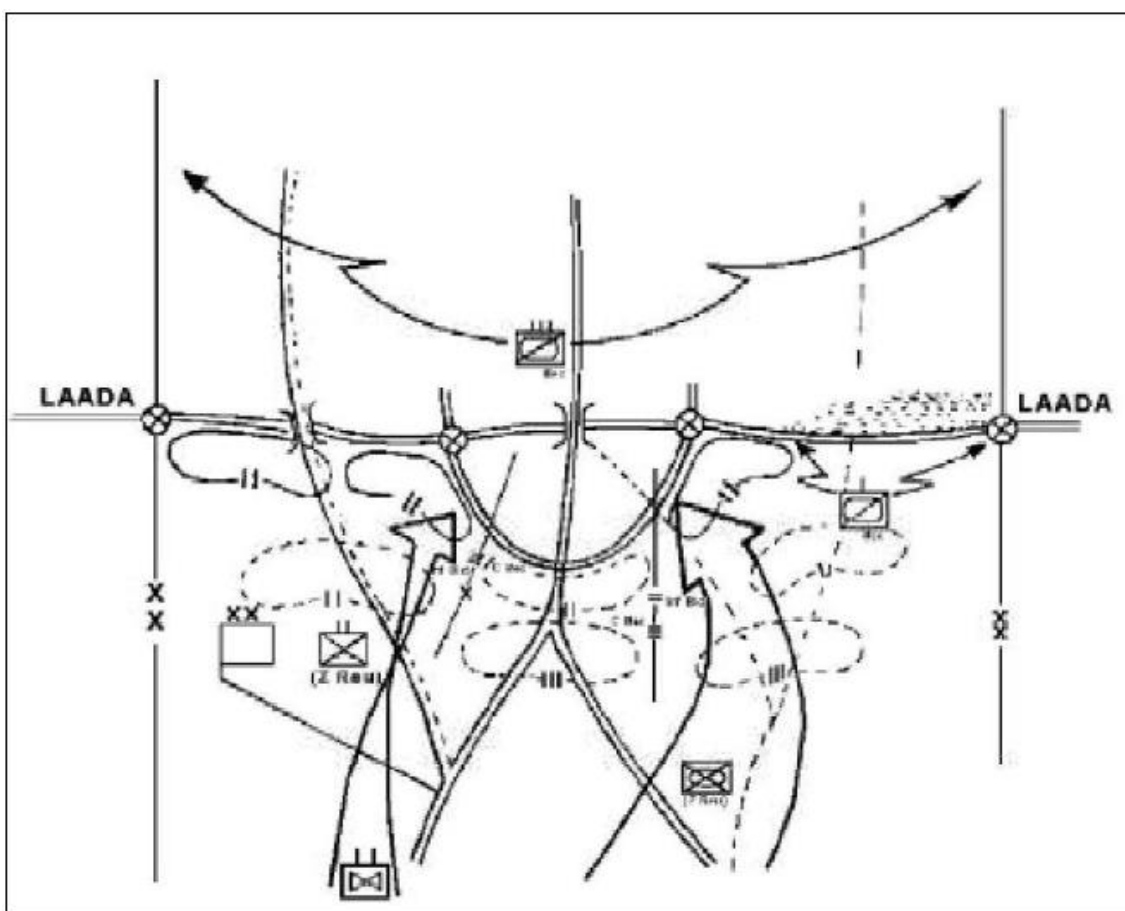


FIGURA 5- Exemplo de um Atq Amv em uma Defesa Móvel
Fonte: Brasil (2017c, p. 3-7)

3. ANÁLISE E RESULTADOS

3.1 FORÇA DE FIXAÇÃO E FORÇA DE CHOQUE

As tropas que compõem a força de fixação na defesa móvel, não necessariamente devem ter como característica expressiva a mobilidade, uma vez que as mesmas executarão uma defesa de área ou um movimento retrógrado limitado, entretanto, as tropas que compõem a reserva (força de choque), necessariamente devem possuir como característica principal, a mobilidade. A proteção blindada e o poder de fogo, em operações convencionais, também devem ser priorizados na reserva, entretanto, em operações em que o terreno restrinja o movimento das viaturas que proporcionam estas condições à tropa, estas características podem ser suprimidas em detrimento as demais.

Tanto a infantaria blindada, constituindo as forças tarefas nível unidade e subunidade, e a infantaria mecanizada, possuem mobilidade, proteção blindada e poder de fogo quando empregadas em terreno convencional, conforme explorado no capítulo anterior, neste caso, concluímos que ambos os tipos de infantaria podem ser empregadas como força de choque. No entanto, ao se empregar estes dois tipos de infantaria como força de fixação, o comandante deve estar ciente que estará deixando de aproveitar as características peculiares de ambas na força de choque composta pela reserva, mas poderá aproveitá-las no movimento retrógrado que recua para possibilitar a entrada do inimigo no bolsão onde será realizado o ataque de destruição.

Ao analisar os manuais em vigor, fica clara a intenção de todos de explorar o conceito da mobilidade da força de choque, entretanto não só esta deverá ser dotada desta característica, pois parte da força de fixação também necessita realizar uma defesa com certo grau de mobilidade. Quando se chega a este entendimento, pode-se deduzir uma prioridade de emprego entre infantaria blindada e mecanizada tanto no emprego como força de choque, quanto no emprego como força de fixação.

A infantaria blindada, constituindo FT, por possuir maior mobilidade tática, poder de fogo e proteção blindada que a infantaria mecanizada, tem prioridade de emprego como força de choque. Desta maneira, uma brigada de infantaria mecanizada ou parte da mesma, empregada juntamente com uma brigada blindada, compoendo uma

mesma DE que executa a defesa móvel, poderá ser melhor aproveitada como força de fixação que executa o movimento retrógrado, enquanto a brigada blindada compõe a reserva. Entretanto, na falta de uma GU melhor capacitada, a brigada mecanizada terá prioridade de emprego como força de choque. A força de choque é o elemento decisivo da defesa móvel e deve concentrar a maior parte dos meios para assegurar um contra-ataque de destruição exitoso, desta maneira, não estaria errado o emprego simultâneo da infantaria blindada e mecanizada no mesmo.

O fato do Manual C 7-20, 3ª edição, priorizar a infantaria blindada empregada como força de fixação que realiza o movimento retrógrado, se deve a não existência de tropa mecanizada de infantaria em 2003, ano de aprovação do mesmo. O conceito de tropa de infantaria mecanizada somente foi estabelecido no Exército Brasileiro no ano de 2010 e a partir de então é que se começou a desenvolver a doutrina deste tipo de tropa no Brasil.

Desde o início do ano 2000, a Escola de Comando e Estado-Maior do Exército começou a estudar e a empregar a Brigada de Infantaria Mecanizada em seus temas escolares e nos projetos de pós-graduação. Em 2005, o Estado-Maior do Exército, realizou na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais um seminário destinado a debater a necessidade, a oportunidade e as medidas para criar uma nova estrutura para a Infantaria Brasileira. O tempo passou, as ideias amadureceram e no corrente ano de 2010 foram, enfim, tomadas medidas institucionais para dar vida à Infantaria Mecanizada, por meio da criação das Bda Inf Mec, por transformação das Bda Inf Mtz já existentes no Exército Brasileiro (MESQUITA, 2010).

Alguns manuais conceituam que parte da força de fixação realiza uma ação retardadora, tal conceito não está errado, entretanto o Manual de Campanha EB70-MC-10.243 Divisão de Exército, 3ª Edição, aprovado em 2020, deixa bem explícito que a intenção é um movimento retrógrado, ou seja, um conceito mais amplo que aborda as formas de manobra ação retardadora, retraimento e retirada. Tal diferença de conceito é menos restritiva e permite ao escalão planejador maior flexibilidade para decidir pela forma de manobra mais adequada, levando-se em conta os fatores da decisão que se apresentarem.

Possivelmente, o fato do Manual de Campanha EB70-MC-10.306 - Batalhão de Infantaria Mecanizado ser uma edição experimental aprovada em 2019, presume que o mesmo ainda necessite de ajustes e correções. A doutrina, por ser recente, também não se encontra totalmente desenvolvida, e este pode ser um dos motivos que explica a divergência dos conceitos em relação a outros manuais em vigor, como o caso da

Inf Mec ser empregada excepcionalmente como força de fixação que realiza um movimento retrógrado.

3.2 DEFESA MÓVEL EM AMBIENTE DE SELVA

Com a análise realizada nos manuais de emprego específico em ambiente de selva, concluiu-se que a defesa móvel pode ser aplicada na selva, entretanto fica condicionada a mobilidade e poder de fogo das tropas aptas a manobrar como força de fixação e força de choque neste tipo de terreno. Em um ambiente de selva, para se atingir uma elevada mobilidade, é necessário o apoio de uma força de helicópteros, assim como nas operações aeromóveis, entretanto as tropas empregadas devem ser capacitadas ao emprego neste bioma. Podem ser utilizados outros meios de transporte, mas estes ficam limitados as poucas vias terrestres e aquáticas existentes.

Segundo o manual de operações na selva, a defesa móvel fica restrita à ocupação de pontos fortes, devido a impossibilidade de ocupação de grandes áreas, e a destruição do inimigo não mais ocorre somente por meio de um contra-ataque de destruição, mas também pelo uso do fogo de saturação de área, pelo cerco ou pela atuação nas linhas de suprimento do mesmo.

Concluiu-se que em selva, não necessariamente a tropa blindada ou mecanizada são as mais aptas a serem empregadas como força de fixação ou força de choque, neste caso as tropas mais aptas para essas funções são as tropas leves, adaptadas ao ambiente operacional e que possuam relativa mobilidade, representadas pelas tropas de selva. É importante salientar que este tipo de tropa, por imposição do terreno e para se atingir as capacidades mais importantes necessárias ao ambiente, fica prejudicada quanto ao poder de fogo e proteção blindada.

3.3 O BIL NA DEFESA MÓVEL

O BIL não possui proteção blindada nem elevado poder de fogo, sendo vulnerável a ataques de forças blindadas, entretanto possui elevada mobilidade se

apoiado por força de helicópteros. Pode ser empregado como força de fixação, tanto realizando uma Def A ou um movimento retrógrado com limitações, ser empregado na força de segurança ou na reserva. Quando empregado na reserva apoiado por força de helicópteros, pode ser deslocado rapidamente para qualquer ponto do dispositivo defensivo, fornecendo flexibilidade para a manobra e permitindo concentrar forças em local e momento oportuno, entretanto o poder de fogo será limitado e não contará com proteção blindada.

3.4 DEFESA MÓVEL EM ÁREA EDIFICADA

Conforme o Manual de Campanha EB70-MC-10.303 Operação em Área Edificada, 1ª edição, aprovado em 2018, conclui-se que pode ser executada uma defesa móvel em área edificada, entretanto algumas adaptações devem ser realizadas.

As tropas blindadas devem ter seu emprego priorizado fora das áreas edificadas, em local que as suas capacidades como poder de fogo, mobilidade e proteção blindada possam ser melhor aproveitadas, portanto, se adequado ao espaço de manobra, a área selecionada para o contra-ataque de destruição a ser executado pela reserva, não necessariamente deve estar em um área edificada. Caso a área selecionada para a realização do contra-ataque de destruição se encontre em uma área edificada, as forças blindadas poderão ser empregadas juntamente com fuzileiros desembarcados, entretanto a mobilidade e a proteção blindada serão prejudicadas.

Quando a área selecionada para engajar o inimigo no contra-ataque de destruição for em área edificada, esta deve possuir espaço de manobra suficiente para a tropa blindada, mecanizada ou qualquer outra tropa empregada na força de choque, de modo a permitir condições vantajosas para os deslocamentos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS E SUGESTÕES

Com base no estudo realizado, foram elaboradas propostas de modificações nos parágrafos do ARTIGO IV – DEFESA MÓVEL, do Capítulo 5, do manual C 7-20, 3ª edição, aprovado em 2003, de modo atualizá-lo com os conceitos presentes nos mais recentes manuais em vigor no Exército Brasileiro, conforme (Tabelas 2 e Tabela 3).

Parágrafo atual do Item 5-25. GENERALIDADES	Pág do C 7-20	Proposta de Atualização
<p>a. A defesa móvel é baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo. Um mínimo de poder de combate é empregado na ADA para alertar o desembocar de um ataque, canalizar a força atacante para regiões previamente escolhidas e favoráveis a um contra-ataque de destruição, a ser executado por uma força de choque em reserva. (Fig 5-28)</p>	5-68	<p>a. A defesa móvel é baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo. Um mínimo de poder de combate é empregado na ADA para alertar o desembocar de um ataque, canalizar a força atacante para regiões previamente escolhidas e favoráveis a um contra-ataque de destruição, a ser executado por uma força de choque em reserva. Para operações em ambiente de selva, consultar IP-72-1 OPERAÇÕES NA SELVA. (Fig 5-28)</p>
<p>b. A maior parte das forças de combate é organizada em uma forte reserva móvel, normalmente blindada, localizada em posição favorável às ações ofensivas e cujo principal objetivo é a destruição do inimigo.</p>	5-68	<p>b. A maior parte das forças de combate é organizada em uma forte reserva móvel, prioritariamente blindada, ou mesmo mecanizada, localizada em posição favorável às ações ofensivas e cujo principal objetivo é a destruição do inimigo. De acordo com os meios disponíveis e o ambiente operacional, a reserva móvel pode ser constituída por tropa de outra natureza.</p>
<p>c. Normalmente, a defesa móvel é conduzida pela DE ou Esc Sp. O Btl, por si só, não tem capacidade de conduzir uma defesa móvel, entretanto, pode participar dela como parte de uma força maior. De acordo com o planejamento do Esc Sp, o Btl pode ser empregado: (1) como força de segurança ou como parte desta;</p>	5-68	<p>c. Normalmente, a defesa móvel é conduzida pela DE ou Esc Sp. O Btl, por si só, não tem capacidade de conduzir uma defesa móvel, entretanto, pode participar dela como parte de uma força maior. De acordo com o planejamento do Esc Sp, o Btl pode ser empregado: (1) como força de segurança ou como parte desta; (2) integrando as forças de primeiro escalão como força de fixação,</p>

Parágrafo atual do Item 5-25. GENERALIDADES	Pág do C 7-20	Proposta de Atualização
(2) integrando as forças de primeiro escalão; e (3) na reserva móvel.		realizando uma defesa de área ou um movimento retrógrado; e (3) na reserva móvel, como força de choque ou força de contra-ataque.
d. Quando o Btl é empregado na ADA, pode cumprir a missão conduzindo uma ação retardadora ou uma defesa de área. O exato procedimento a ser empregado é determinado pelo Esc Sp, que prescreve a missão a ser cumprida pelo Btl e dá o conceito da operação para a conduta da defesa móvel.	5-69	d. Quando o Btl é empregado na ADA, pode cumprir a missão conduzindo um movimento retrógrado ou uma defesa de área. O exato procedimento a ser empregado é determinado pelo Esc Sp, que prescreve a missão a ser cumprida pelo Btl e dá o conceito da operação para a conduta da defesa móvel.

TABELA 2 - Proposta de atualização do item 5-25. GENERALIDADES

Fonte: O Autor

Parágrafo atual do Item 5-26. CONSIDERAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO	Pág do C 7-20	Proposta de Atualização
c. A missão das forças da ADA é canalizar o inimigo para uma região favorável no interior da posição, desgastando-o, desorganizando-o e criando as melhores condições para a sua destruição por meio de fogos e do contra-ataque realizado pela reserva.	5-69	c. A missão das forças da ADA é canalizar o inimigo para uma região favorável no interior da posição, desgastando-o, desorganizando-o e criando as melhores condições para a sua destruição por meio de fogos e do contra-ataque realizado pela reserva (F Chq ou For de C Atq).
d. As forças da ADA cumprem essa missão retardando o inimigo, mantendo acidentes capitais importantes e realizando ações ofensivas limitadas, ou através de uma combinação destas ações, a fim de tornar o inimigo tão vulnerável quanto possível aos fogos e ao contra-ataque da reserva.	5-69	d. As forças da ADA cumprem essa missão retardando o inimigo, mantendo acidentes capitais importantes e realizando ações ofensivas limitadas, ou através de uma combinação destas ações, a fim de tornar o inimigo tão vulnerável quanto possível aos fogos e ao contra-ataque da reserva (F Chq ou For de C Atq).
e. A Inf Bld é a mais apta a integrar as forças da ADA encarregadas de retardar o inimigo, atraindo-o para o	5-69	e. A Inf Mec é a mais apta a integrar as forças da ADA encarregadas de retardar o inimigo, atraindo-o para o interior da posição. A

Parágrafo atual do Item 5-26. CONSIDERAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO	Pág do C 7-20	Proposta de Atualização
interior da posição. A infantaria a pé ou motorizada é normalmente empregada na manutenção de acidentes capitais importantes do terreno, onde não se admite uma penetração inimiga		infantaria a pé ou motorizada é normalmente empregada na manutenção de acidentes capitais importantes do terreno, onde não se admite uma penetração inimiga.
f. Na defesa móvel, a reserva é o elemento decisivo. Ela é organizada tão forte quanto possível, com forças de cavalaria e infantaria blindadas, e tem a missão principal de contra-atacar para destruir o inimigo. Recebe a denominação de força de choque.	5-69	f. Na defesa móvel, a reserva é o elemento decisivo. Ela é organizada tão forte quanto possível, com forças blindadas e mecanizadas de cavalaria e infantaria, e tem a missão principal de contra-atacar para destruir o inimigo. Recebe a denominação de força de choque (F Chq) ou força de contra-ataque (For de C Atq).

TABELA 3 - Proposta de atualização do item 5-26. CONSIDERAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO

Fonte: O Autor

REFERÊNCIAS

BRASIL. Exército. Estado-Maior do Exército. **C 7-20** Batalhões de Infantaria. 3. ed. Brasília, DF, 2003.

_____. _____. _____. **C 20-1** Glossário de Termos e Expressões para uso no Exército. 4. ed. Brasília, DF, 2009.

_____. _____. _____. **C-124-1** Manual de Campanha Estratégia. 3. ed. Brasília, DF, 2001.

_____. _____. _____. **EB10-IG-01.002** Instruções Gerais Para as Publicações Padronizadas Do Exército. 1. ed. Brasília, DF, 2011.

_____. _____. _____. **EB10-P-01.007** Plano Estratégico do Exército 2020-2023. 1. ed. Brasília, DF, 2019.

_____. _____. _____. **EB20-MF-10.102** Manual de Fundamentos Doutrina Militar Terrestre. 2. ed. Brasília, DF, 2019b.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.202** Manual de Campanha Operações Ofensivas e Defensivas. 1. ed. Brasília, DF, 2017.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.217** Operações Aeroterrestres. 1. ed. Brasília, DF, 2017b.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.218** Operações Aeromóveis. 1. ed. Brasília, DF, 2017c.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.223** Manual de Campanha Operações. 5. ed. Brasília, DF, 2017d.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.228** Manual de Campanha A Infantaria nas Operações. 1. ed. Brasília, DF, 2018.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.243** Manual de Campanha Divisão de Exército. 3. ed. Brasília, DF, 2020.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.303** Manual de Campanha Operação em Área Edificada. 1. ed. Brasília, DF, 2018b.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.310** Manual de Campanha Brigadas Blindadas. 1. ed. Brasília, DF, 2019c.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.355** Forças Tarefas Blindadas. 4. ed. Brasília, DF, 2020b.

_____. _____. _____. **EB70-MC-10.306** Batalhão de Infantaria Mecanizado. Ed experimental. Brasília, DF, 2019d.

_____. _____. _____. **IP-7-35** Batalhão de Infantaria Leve. 1. ed. Brasília, DF, 1996.

_____. _____. _____. **IP-72-1** Operações na Selva. 1. ed. Brasília, DF, 1997.

_____. _____. _____. **IP-72-20** O Batalhão de Infantaria de Selva. 1. ed. Brasília, DF, 1997b.

_____. Ministério da Defesa. **Livro Branco de Defesa**. Brasília, 2020c.

_____. _____. **MD35-G-01** Glossário das Forças Armadas. 4. ed. Brasília: ADL, 2007.

MESQUITA, Alex Alexandre de. IDEIAS SOBRE A INFANTARIA MECANIZADA. **Ação de Choque**, Santa Maria/RS, n. 09, 2010. Disponível em: <http://www.cibld.eb.mil.br/index.php/periodicos/acao-de-choque/file/11-acao-de-choque-n9-2010>. Acesso em: 22 jul. 2021.

RODRIGUES, Maria das Graças Villela. **Metodologia da pesquisa**: elaboração de projetos, trabalhos e dissertações em ciências militares. 3. ed. Rio de Janeiro: EsAO, 2006. 129 p.

TZU, Sun. Sun-Pin. **A Arte da Guerra**, tradução Ralph D. Sawyer—1ª ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2012.

United States of America. Department of the Army. Headquarters. **ADP 3-0** Operations. Washington, DC, 2019.

_____. _____. _____. **ATP 3-21.20** Infantry Battalion. Washington, DC, 2017.

_____. _____. _____. **ATP 3-21.20** Infantry Battalion. Washington, DC, 2017b.

_____. _____. _____. **FM 3-0** Operations. Washington, DC, 2017c.

_____. _____. _____. **FM 3-90-1** Offense and Defense Volume 1. Washington, DC, 2015.

_____. _____. _____. **FM 3-94** Theater Army, Corps, and Division Operations. Washington, DC, 2014.

_____. _____. _____. **FM 3-96** Brigade Combat Team. Washington, DC, 2021.

APÊNDICE “A”

PROPOSTA DE ATUALIZAÇÃO DO ARTIGO IV, DO CAPÍTULO 5, DO C 7-20, 3ª EDIÇÃO, 2003.

ARTIGO IV

DEFESA MÓVEL

5-25. GENERALIDADES

a. A defesa móvel é baseada no eficiente emprego do fogo e da manobra para destruir o inimigo. Um mínimo de poder de combate é empregado na ADA para alertar o desembocar de um ataque, canalizar a força atacante para regiões previamente escolhidas e favoráveis a um contra-ataque de destruição, a ser executado por uma força de choque em reserva. Para operações em ambiente de selva, consultar IP-72-1 OPERAÇÕES NA SELVA. (Fig 5-28)

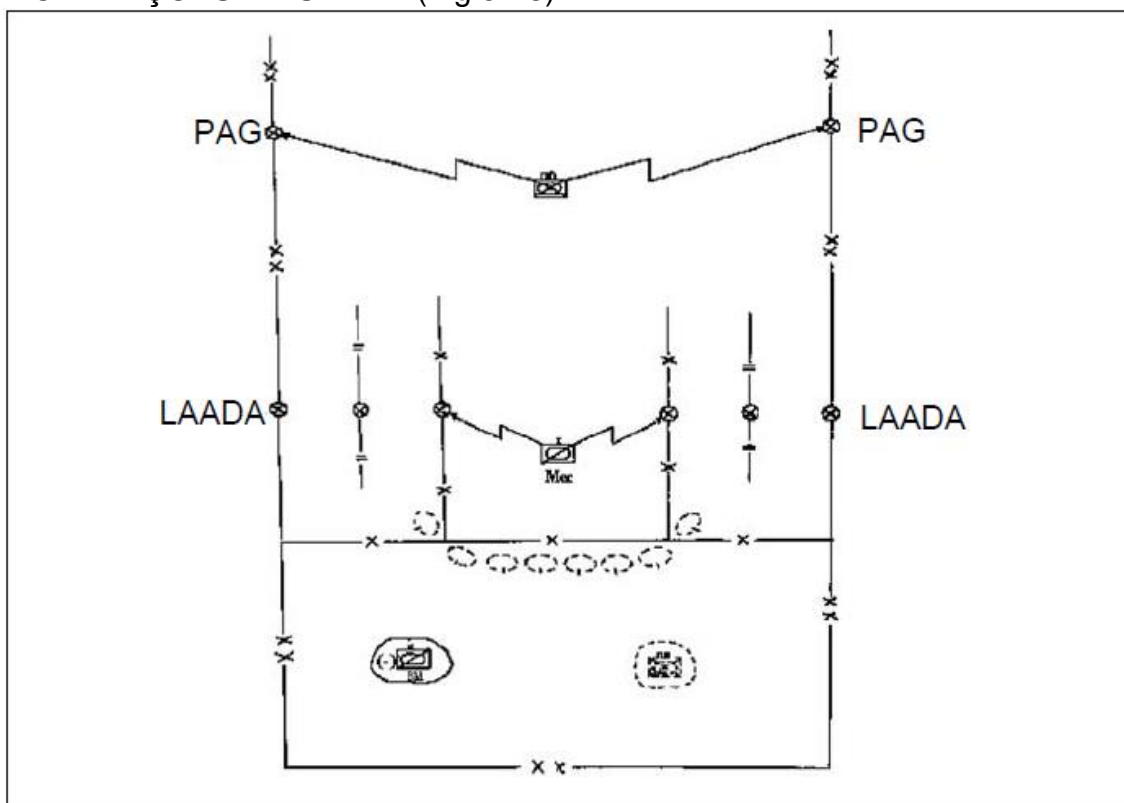


Fig 5-28. A DE na defesa móvel

b. A maior parte das forças de combate é organizada em uma forte reserva móvel, prioritariamente blindada ou mecanizada, localizada em posição favorável às ações ofensivas e cujo principal objetivo é a destruição do inimigo. De acordo com os meios disponíveis e o ambiente operacional, a reserva móvel pode ser de outra natureza.

c. Normalmente, a defesa móvel é conduzida pela DE ou Esc Sp. O Btl, por si só, não tem capacidade de conduzir uma defesa móvel, entretanto, pode participar

dela como parte de uma força maior. De acordo com o planejamento do Esc Sp, o Btl pode ser empregado:

- (1) como força de segurança ou como parte desta;
- (2) integrando as forças de primeiro escalão como força de fixação, realizando uma defesa de área ou um movimento retrógrado; e
- (3) na reserva móvel, como força de choque ou força de contra-ataque.

d. Quando o Btl é empregado na ADA, pode cumprir a missão conduzindo um movimento retrógrado ou uma defesa de área. O exato procedimento a ser empregado é determinado pelo Esc Sp, que prescreve a missão a ser cumprida pelo Btl e dá o conceito da operação para a conduta da defesa móvel.

5-26. CONSIDERAÇÕES PARA O PLANEJAMENTO

a. O Btl, quando empregado na área de segurança, planeja o seu emprego da mesma forma que o faria em uma defesa de área, alertando a aproximação do inimigo, retardando-o, desorganizando-o e iludindo-o quanto à verdadeira localização do LAADA.

b. O Btl, quando empregado na ADA, planeja o seu emprego de acordo com a missão recebida do Esc Sp.

c. A missão das forças da ADA é canalizar o inimigo para uma região favorável no interior da posição, desgastando-o, desorganizando-o e criando as melhores condições para a sua destruição por meio de fogos e do contra-ataque realizado pela reserva (F Chq ou For de C Atq).

d. As forças da ADA cumprem essa missão retardando o inimigo, mantendo acidentes capitais importantes e realizando ações ofensivas limitadas, ou através de uma combinação destas ações, a fim de tornar o inimigo tão vulnerável quanto possível aos fogos e ao contra-ataque da reserva (F Chq ou For de C Atq).

e. A Inf Mec é a mais apta a integrar as forças da ADA encarregadas de retardar o inimigo, atraindo-o para o interior da posição. A infantaria a pé ou motorizada é normalmente empregada na manutenção de acidentes capitais importantes do terreno, onde não se admite uma penetração inimiga.

f. Na defesa móvel, a reserva é o elemento decisivo. Ela é organizada tão forte quanto possível, com forças blindadas e mecanizadas de cavalaria e infantaria, e tem a missão principal de contra-atacar para destruir o inimigo. Recebe a denominação de força de choque (F Chq) ou força de contra-ataque (For de C Atq).

g. O contra-ataque de destruição é planejado de modo similar ao contra ataque para restabelecimento da posição, cuja diferença básica é a finalidade de destruir o inimigo, e não de recuperar o terreno perdido.